

## A DIALÉTICA DA MARGINALIDADE APLICADA AO CONTO “ESPIRAL”, DE GEOVANI MARTINS

LISIANI COELHO<sup>1</sup>; ALFEU SPAREMBERGER<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [lisi.mae@hotmail.com](mailto:lisi.mae@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [berger9889@gmail.com](mailto:berger9889@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Esta comunicação representa um recorte de artigo recentemente publicado pelos autores e tem por objetivo a análise do conto “Espiral”, de Geovani Martins, presente em seu livro de estreia, **O sol na cabeça** (2018), à luz da teoria da “dialética da marginalidade” (2007) desenvolvida pelo crítico e professor universitário João César de Castro Rocha. Em diálogo com o ensaio “Dialética da malandragem” (1970), de Antonio Candido, a “dialética da marginalidade” propõe a “substituição” da conciliação entre indivíduos de classes sociais diferentes como medida de evitação do conflito inerente ao ensaio de Candido em nome do confronto, o que resulta na exploração e na exposição metódica da violência, que passa a permear as referidas relações ao invés de seu ocultamento. Os contos escritos por Geovani Martins modulam, de diferentes formas, os dilemas da desigualdade social brasileira, atravessada pela violência urbana contemporânea, assumindo e confirmando, com voz própria e lugar enunciativo conflitante, os impasses de uma “guerra simbólica” travada entre uma interpretação apologética e outra crítica da cultura brasileira atual.

### 2. METODOLOGIA

A fundamentação teórico-crítica utilizada indica uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico, que procura compreender como o ensaio do professor João César de Castro Rocha dialoga com os textos produzidos pela literatura marginal contemporânea, mais especificamente com o conto “Espiral”, do estreante Geovani Martins.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ensaio “A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a ‘dialética da marginalidade’” (2007), Rocha assinala que seu objetivo teórico é o de estabelecer uma “abordagem alternativa” em relação à cultura brasileira contemporânea. Para tanto, vale-se dos conceitos desenvolvidos por Candido em seu ensaio “Dialética da malandragem” (1970), que definiu a figura do malandro na sociedade brasileira do século 19 ao analisar o romance *Memórias de um sargento de milícias* (1853), de Manuel Antônio de Almeida. Segundo Rocha (2007), o tipo malandro, tanto da literatura quanto da vida social, vem sendo rivalizado e/ou substituído pelo surgimento de uma nova tendência – o marginal, ou seja, a marginalidade.

Antes de dar continuidade à análise, é importante retomar a definição de malandro apresentada por Candido para que, no decorrer deste trabalho, seja possível entender o elemento de transição apontado por Rocha e a manifestação ou transfiguração no conto de Martins. De acordo com Candido, Leonardo Pataca (filho) (personagem principal do romance *Memórias de um sargento de milícias*) é:



[...] o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil. [...] O malandro [...] é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores. Já notamos, com efeito, que Leonardo pratica a astúcia pela astúcia (mesmo quando ela tem por finalidade safá-lo de uma enrascada), manifestando um amor pelo jogo-em-si (CANDIDO, 1970, p. 4).

Candido (1970) caracteriza Leonardo como personagem de classe baixa que faz uso de sua astúcia para benefício próprio. O protagonista de Almeida transita entre dois polos: ordem e desordem, ou seja, equilíbrio e desequilíbrio. Este personagem atua em prol de uma satisfação individual; não existe nele qualquer instinto de coletividade, nem mesmo respeito aos próximos. Outra característica interessante do malandro é que ele utiliza sua astúcia para identificar situações de risco e, dentro delas, cede ao jogo social, aceitando o polo da ordem quando lhe convém. Nesta jornada, Leonardo alterna entre as diversas classes sociais e, no final, concretiza a mudança desejada, ou seja, ascende socialmente.

Este mundo, sem convicções nem remorsos, em que os conflitos são “acomodados”, está no centro da ideia de substituição de uma dialética por outra. Por esta razão, ao discutir o surgimento de uma “nova” dialética, Rocha (2007) retoma e discute a teoria bem-sucedida de Candido. Para Rocha (2007),

Tal trânsito entre esferas opostas representa a metáfora da formação consolidada pelo acordo mais do que pela ruptura; uma formação social baseada em uma atitude pacificadora “deixa-disso” em vez de conflitante. Ao final, o desejo por cooptação também define o malandro. No fundo, como Candido deixa claro, o malandro aguarda “ser finalmente absorvido pelo polo convencionalmente positivo” (p. 33).

A esta leitura, que discute a transição contemporânea de um modelo social, é necessário, também, o estabelecimento do que Rocha (2007) denomina como “dialética da marginalidade”:

[...] “dialética da marginalidade” pressupõe uma nova forma de relacionamento entre as classes sociais. Não se trata mais de conciliar diferenças, mas de evidenciá-las, recusando-se a improvável promessa de meio-termo entre o pequeno círculo dos donos do poder e o crescente universo dos excluídos (p. 56).

É nesta perspectiva que se enquadra perfeitamente Martins, nascido e criado em uma favela no Bairro Bangu, Rio de Janeiro. O jovem autor, que já foi “homem-placa”, atendente de lanchonete e barraca de praia e garçom de bufê infantil antes de se dedicar à escrita, oferece seus contos à sua comunidade e quebra, mais uma vez, nos últimos anos, estereótipos aos quais estamos acostumados enquanto leitores: escritores do sexo masculino, brancos, de classe média/alta, portadores de curso superior.

Se o malandro, como Leonardo Pataca, vivia em benefício de si, surge, por intermédio da literatura marginal, um instinto de coletividade. Um dos aspectos indicados por Rocha (2007) nas produções contemporâneas periféricas é a presença de uma significação que abriga não somente o indivíduo, mas a coletividade: “[...] o caráter coletivo da experiência literária e artística é um dos traços definidores das formas de expressão da ‘dialética da marginalidade’” (ROCHA, 2007, p. 41). Ele se faz presente na forma de diferentes narradores, com distintos pontos de vista, entre histórias e desejos, dissecando o ambiente que lhes é familiar.

“Espiral” nos é apresentado por um narrador protagonista, sem nome, que conta sua história, percorrendo o período de alguns meses, no qual realiza uma espécie de “experimento” social. O jovem estudante tem uma vida tranquila, a despeito das privações inerentes à sua condição social. No início do conto, talvez por inocência, ele não tem a real dimensão do que sua classe social representa:

Começou muito cedo. Eu não entendia. Quando passei a voltar sozinho da escola, percebi esses movimentos. Primeiro com os moleques do colégio particular que ficavam na esquina da rua da minha escola, eles tremiam quando meu bonde passava. Era estranho, até engraçado, porque meus amigos e eu, na nossa própria escola, não metíamos medo em ninguém (MARTINS, 2018, p. 17).

O trecho explicita algo que o narrador aprofunda no decorrer da trama: a presença de dois mundos, coexistindo e interagindo de forma tensa. O jovem é um duplo: dentro de sua escola e em sua comunidade é inofensivo; já para os alunos da escola particular representa uma ameaça em razão da sua classe social.

O narrador é morador de uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro, algo que, por muitos, é visto como vantagem pela proximidade com uma área nobre da cidade. Ele, no entanto, destaca um aspecto interessante, relativo à proximidade física desta vida sem privações: é muito difícil conviver com as desigualdades sociais quando vistas de frente, de um local tão próximo. A distância física pode ser pequena, mas a social representa o que o próprio narrador chama de abismo.

É foda sair do beco, dividindo com canos e mais canos o espaço da escada, atravessar as valas abertas, encarar os olhares dos ratos, desviar a cabeça dos fios de energia elétrica, ver seus amigos de infância portando armas de guerra, para depois de quinze minutos estar de frente para um condomínio com plantas ornamentais enfeitando o caminho das grades, e então assistir adolescentes fazendo aulas particulares de tênis. É tudo muito próximo e muito distante. E, quanto mais crescemos, maiores se tornam os muros (MARTINS, 2018, p. 18).

O narrador passa, então, a recorrer a uma “válvula de escape”; uma ferramenta de defesa lançada contra este ambiente ameaçador, produto de uma realidade dispar. Ao longo da história ele resolve, então, transformar-se numa figura que ameaça, não para tirar proveito financeiro da situação, mas para “estudar” a distância entre os dois mundos. Seu experimento consiste em seguir pessoas que se mostrem aterrorizadas com a sua presença, observando-as e intimidando-as ainda mais. As perseguições acabam tornando-se uma obsessão e sua vida perde o sentido habitual, até o ponto em que entra em confronto direto com uma de suas presas:

Ele entrou no prédio, cumprimentou o porteiro feito máquina, subiu. Apenas uma janela. Era o que se mostrava do apartamento no meu campo de visão. Fiquei mirando fixamente aquele ponto, sem me esconder dessa vez; se eu o visse, também ele me veria. Alguns minutos depois apareceu Mário, completamente transtornado, segurava uma pistola automática. Sorri para ele, percebendo naquele momento que, se quisesse continuar jogando esse jogo, precisaria também de uma arma de fogo (MARTINS, 2018, p. 21-22).

As atitudes reativas do personagem demonstram um movimento que vem crescendo e ganhando forma; esta nova comunidade artística se vê em condições de denunciar os abusos sofridos, crítica que surgiu, sem ganhar a mesma força, à

época da autora Carolina Maria de Jesus, considerada por Rocha (2007) uma das precursoras da “dialética da marginalidade”. Para Rocha (2007), o morador da favela abandonou a passividade e esgotou a sua cota de exploração gratuita, assumindo o lugar de protagonista de sua própria história: “há um crescente sentimento de insatisfação com o fato de que os lucros derivados de suas histórias e de suas imagens somente retornem a eles, por assim dizer, em doses homeopáticas” (p. 31).

Martins parece entender o jogo da elite, entregando um conto que funciona quase como um aviso: se a classe média/alta quer tirar vantagem do pobre, este mesmo pobre não vai continuar cumprindo o papel do malandro e entrar no jogo, tentando aproximar-se da elite e buscando alguma vantagem com isso. O excluído procura marcar o seu lugar dentro da sociedade e resistir.

#### 4. CONCLUSÕES

Os espaços, propícios para o jeitinho e a malandragem, são tópicos “contestados” pela “dialética da marginalidade”. O conto analisado recusa os termos de uma reconciliação compensatória pelo enfrentamento e desnudamento da violência e da desigualdade social como constitutivos do nosso modo de ser.

A “guerra” foi declarada e nada mais será igual na sociedade e na literatura brasileiras. Esta mensagem pode ser estendida ao cânone literário: desconhecemos os rumos da literatura marginal nos próximos anos, mas já é seguro afirmar que ela está se “armando”, assim como mostra o jovem narrador de “Espiral”, para o estabelecimento de um confronto com a literatura tradicional.

Deste modo, formulações críticas, como a “dialética da marginalidade”, atuam em conjunto com esta produção literária atual, tentando dar conta da dimensão do que vem sendo escrito. Salientamos a necessidade de inclusão destes textos numa zona maior dentro da literatura, evitando que eles caiam no esquecimento e sejam vistos, daqui há alguns anos, como algo exótico, tendência momentânea. A disputa pela inclusão de uma linhagem marginal em nossa tradição literária ultrapassa os critérios estéticos e, por fim, antropológicos ou culturais. Ela questiona os critérios unívocos de abordagem do produto literário – e cultural – em nome de novos paradigmas críticos e nova metodologia de abordagem, que reconheçam a multiplicidade de paradigmas críticos, de questionamento do cânone e de superação dialética.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. *In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (8), p. 67-89, 1970. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i8p67-89>. Acesso em: 12 dez. 2019.

MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROCHA, João César de Castro. “A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a ‘dialética da marginalidade’”. *In: Revista Letras*, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, n. 32, jun. 2007. p. 23-70. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11909>. Acesso em: 12 dez. 2019.